

Fred Moten e a vanguarda sentimental negra

Romulo Inacio
Universidade de São Paulo
romuloalexis@usp.br

Resumo: Este trabalho propõe uma possível topologia estética de uma Vanguarda Sentimental Negra, desenhada poética e filosoficamente por Fred Moten. No exercício de elaborar as subjetividades afro fora das determinações trágicas, Moten desenvolve a Vanguarda Negra como uma dimensão sentimental que, brotando dos porões dos navios negreiros, manifesta-se paraontologicamente como uma força desestabilizadora das estruturas éticas e estéticas da modernidade. Observo que para Moten, nesse processo de invenção de realidades e ordens comunais, as pessoas negras improvisam ontologicamente criando suas subjetividades através de performatividades coletivas.

Palavras-chave: Estética, Negrigade, Subjetividade, Paraontologia, Vanguarda

Fred Moten and the black sentimental avant-garde.

Abstract: This work proposes a possible aesthetic topology of a Black Sentimental Vanguard, designed poetically and philosophically by Fred Moten. In the exercise of elaborating Afro subjectivities outside of tragic determinations, Moten develops the Black Avant-garde as a sentimental dimension that, emerging from the holds of slave ships, manifests itself paraontologically as a destabilizing force in the ethical and aesthetic structures of modernity. I observe that for Moten, in this process of inventing realities and community orders, black people ontologically improvise, creating their subjectivities through collective performativities.

Keywords: Aesthetics, Blackness, Subjectivity, Paraontology, Avant-garde

A estética fugitiva

Fred Moten é um poeta improvisador que desenvolve em sua escrita uma filosofia oralizada em *spoken word*¹. É professor de Estudos da Performance e de Literatura Comparada na NYU – New York University nos Estados Unidos. Há uma implicação vocal, sonora em sua escrita que convoca uma implicação ativa da/o leitora/or no que está sendo expresso, tanto na forma texto quanto no conteúdo que é plurissígnico no mais das vezes. Moten articula uma estética fugitiva dentro do seu pensamento enraizado nas tradições negras de vanguarda, ou seja, que se radica nas expressões mais convulsivas onde a eloquência da expressão soa disruptiva em termos formais, políticos e éticos. Por estética fugitiva podemos entender uma estratégia de rotas de fuga que escapam da determinação trágica atribuída à negritude. Um exercício contrário à negação existencial e que, portanto, se coloca em constante análise e combate epistêmico contra as estruturas que buscam, como projeto hegemônico, reduzir ou anular a subjetividade negra. Sua filosofia dialoga intensamente com a produção de outras e outros pensadores críticos da modernidade como os afropessimistas Jared Sexton e Frank Wilderson III, com as feministas negras radicais Hortence Spillers, Saidiya Hartmann e Denise Ferreira da Silva, assim como com a obra polifônica de Amiri Baraka e com o divisor de águas do pensamento afro-diaspórico e negro Franz Fanon.

Ancorando-se no movimento de fuga e escapando das determinações que fundam a modernidade na essencialização de um ser racional à serviço do processo civilizatório, ignorante do caráter predatório e extrativista do progresso, Moten se esforça por elaborar a presença das expressões negras partindo das materialidades de suas manifestações. O status de não humano é o zero absoluto de onde emergem invenções que buscam um horizonte existencial para suas expressões em um processo generativo, propositivo e pulsional. Em uma escrita que é performativa e permeada de quebras e fendas, a completude é deixada de lado como uma reserva a considerações que possam desenhar um caráter universalista do discurso, algo que as filosofias da negritude de alguma forma abdicam em função de uma ambiguidade que é poética, profética, proverbial e pluriontológica.

A estética fugitiva orienta-se para uma relação de liberdade, no entanto a liberdade que a cultura negra mobiliza, ou melhor, inventa, é distinta daquela que o liberalismo econômico ou mesmo o ideário humanista da revolução francesa solicitam. A liberdade negra não tem o caráter exploratório que os colonizadores testemunham na sanha expansionista que inclusive,

¹ Spoken Word é uma forma de arte literária e performática de declamação, cuja ênfase rítmica, entonação e inflexões vocais possui um vasto antecedente nas performances afro-diaspóricas, tendo nos Estados Unidos uma genealogia que transpassa a jazz-poetry nos anos 1950 com a geração Beat e populariza-se mundialmente com o movimento hip hop na década de 1980 em diante.

escapa da territorialidade do planeta e se expande através da imaginação aos horizontes dos cosmos, ou o contorno da liberdade laboral que presume direitos de circulação e de consumo. A liberdade ansiada pela negridade se radica na liberdade em deixar de ser diferenciada/o pela racialidade. É uma liberdade ontológica que desacorrenta da animalização e da subjugação e nos torna passíveis e possíveis de sermos amados como seres humanos, amados inclusive e principalmente por nós mesmas/os dentro dessa subjetividade mutilada que a escravização e a racialização marcaram fenotipicamente. Essa liberdade então é buscada e articulada primeiro através da desidentificação sentimental com os aparatos simbólicos hegemônicos, ou seja, o campo estético com sua ética imanente. Nas proposições de Moten, é preciso quebrar o espelho narcísico da branquitude que filosoficamente desenha as pessoas negras como um Outro cultural e se constituir através da negatividade, do zero absoluto, do excesso e da violência que formam e conformam nosso repertório comum, cotidianamente reiterado, como uma temporalidade perene que rompe a progressão evolucionista desenhada na linha que vem do passado para o futuro.

A própria presença da negridade é a manifestação da ruptura do continuum espaço-tempo, pois cada pessoa negra que escapa, ao menos em parte dos processos de marginalização e subjugação, rompe com a norma social estabelecida enquanto as que não escapam acabam vivenciando esse tempo estanque onde a escravização e todos os processos a ela conjugados ecoam insistentemente. Vivemos, nós pessoas negras em um vórtice temporal, indo e voltando ao passado, como a protagonista de Octavia Butler em *Kindred*, onde cada situação vivenciada, cada encontro ou desencontro com os ecos da exploração humana, podem servir de pontes temporais desestabilizando o agora com a presença imanente de um passado que é contemporâneo. Como afirma a pesquisadora da branquitude Lia Vainer, quando falamos sobre racismo institucional isso significa dizer que, se tudo se manter dentro da normalidade, o resultado será racista (SCHUCMAN, 2012, p.42). A negridade manifesta uma resistência à objetificação que é desempenhada através de performatividades que avançam simultaneamente sobre si mesmas e sobre o meio, sobre si e sobre a recepção de si, como um sacrifício ritual que é inerente às vanguardas, mas não buscando uma ressignificação formalista apenas, mas uma ressignificação simultânea da própria representação singular da/o própria/o agente e também da agência da expressão. Isso se realiza na transgressão que é desencadeada neste nado à contracorrente, nessa resistência que é gritada performativamente e que abre caminho para outras expressões semeando concórdias e discórdias no campo minado que é a terreno simbólico e imaterial que sustenta toda a materialidade.

A complexidade do pensamento de Moten avança ao ponto de ele não se opor nuclearmente a uma ideia de um topos universal, ideia essa tão cara ao pensamento branco hegemônico em sua máquina de subjugação de outras culturas, tomando a si mesma como a referencialidade desse universal. Escapando a um pensamento voltado para os fins, ou seja, que escapa a uma funcionalidade, Moten se propõe a buscar um universal que seja capaz de acolher aquilo que escapa a uma elaboração determinante e estanque. Um universal que improvise e que seja acolhedor de suas próprias transgressões escapando assim de dualismos e binarismos racionalistas, que são as estratégias discursivas mais eficientes das soberanias.

A existência preta é (con)formada pela performatividade preta, que lhe dá fundamento através da cristalização de suas reificações diante de um excesso simbólico que não pode ser contido e que por essas razões explode em violência, desumanização e eroticidade. A pulsão de liberdade pela qual as expressões pretas são atravessadas é mais do que uma busca para a amenização desse excesso simbólico. Responde a um desejo de restabelecer o corte, a interrupção desviante da condição de humanidade que a escravização determinou para este ser racializado. A invenção de outros possíveis responderá então a um desejo de restabelecer uma continuidade distante, mas não esquecida, uma vez que a herança imemorial foi capaz de se preservar e se sustentar através daquilo que Leda Maria Martins chama de Oralitura (MARTINS, 2003, p.66), um repertório que, manifestando-se como uma escritura corporal e performática, preservou e reconstruiu na diáspora muitas das informações éticas e estéticas das estesias africanas.

Na sua abordagem filosófica Moten solicita um estado de dúvida permanente como fundamento. Uma incompletude que solicita a improvisação como suporte ontológico na articulação de ideias e versos, mas também de elaborações políticas que colocam em xeque tanto a função da universidade e dos contextos institucionais de educação formal, como em *Undercommons* escrito a quatro mãos com Stephano Harney, bem como confrontações filosóficas que levantam a relação de uma inexistência recíproca² que a racialização coloca entre pessoas brancas e negras. O próprio conceito de negridade que Moten exercita diverge de uma tendência essencialista, original ou personalista, uma vez que ele, informado pelo Afropessimismo, a exercita como um dispositivo desestabilizador que através de sua incongruência perturba os regimes dualistas que estruturam a sociedade ocidental e regem a ordem global.

² <https://www.bookforum.com/print/2501/fred-moten-s-improvisational-critique-of-power-19407>

A temporalidade crítica da Pessoa escravizada

Frantz Fanon é o primeiro dos pensadores afrodiáspóricos a elaborar a problemática da racialização à partir da lente da temporalidade em *Pele Negra, Máscaras Brancas. A zona de não ser* (FANON, 2008, p.26) pontuada topologicamente por Fanon é o vazio de nossa subjetividade, colocada sempre em conflito com a imanência do mundo. Estamos em processo de elaboração permanente do trauma colonial que é operante na engenharia da modernidade. Ao tomar a temporalidade como uma lente crítica, a interpretação das manifestações culturais lêem não só a historicidade cronologicamente organizada que vai constituir os fundamentos teóricos estruturantes da realidade normativa, mas sim a microfísica das condições de emergência de cada fenômeno social, entendendo que muitos deles ocorrem sem a intervenção do tempo cronológico progressivo, que instituiria algum tipo de mudança evolutiva. A racialidade é um dos fatores que não sofre essa inferência da temporalidade evolutiva, uma vez que a sua eficácia simbólica em diferenciar seres humanos em hierarquias de humanidades segue estanque com o passar do tempo.

Para pessoas racializadas há uma brecha no tempo histórico no qual elas estão enclachadas, posicionadas verticalmente na horizontalidade progressiva da linha do tempo, na leitura de Denise Ferreira da Silva (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 87). Essa relação disruptiva com o tempo vai determinar as pessoas negras como eterna mão de obra disponível e um lugar de servidão social, onde as pessoas racializadas e seus territórios estarão socialmente alocadas como um lugar de servidão. Enquanto a precariedade do proletariado se relaciona com a exploração do trabalho na mais valia inserida temporalmente na hora trabalhada, a relação precária das pessoas racializadas é pautada fora da temporalidade do trabalho, em sua condição de herdeiras fenotípicas do processo de escravização ainda em curso simbolicamente. A sua condição ontológica ainda ecoa a de mercadoria animalizada no imaginário que estrutura a modernidade. Sua utilidade de subjugação vai ainda além através da função dialética que as pessoas racializadas como negras desempenham ao estruturar dialeticamente a fundação e a existência daquilo que não é negro/racializado, ou seja, o ser humano universalizado na figura do branco europeu caucasiano, detentor da liberdade e arauto da civilização através dos processos de conquista e expansão colonial. Todos esses princípios de desqualificação baseados fenotipicamente em ordens morais respondem com eficiência aos processos históricos que exploram corpos e territórios negro africanos e indígenas, bem como outros povos racializados, como é o caso do povo Palestino (HARTMAN, 2023, p.217).

O valor total da racialização negra e sua eficácia de violência não apenas nunca desapareceram, como são sobretudo aquilo que fundamenta o presente enquanto temporalidade opressiva. A racialização constitui a condição metafísica e material do mundo através da lógica espaço-temporal fundada na logística escravocrata de comercialização de pessoas no processo colonial, que segundo Harney e Moten, constitui o primeiro movimento de massa de acesso total em escala global (HARNEY e MOTEN, 2023, p.69). Completamente dependente da estrutura escravocrata a modernidade não poderia se estruturar sem a presença da mão de obra negra. A violência sem fim é uma das reações a essa dependência congênita que dá sentido e estrutura o ethos da modernidade ocidental.

Modernidade

A modernidade é uma dimensão narrativa temporal que descreve a globalização da Europa e a imposição de seu modelo e visão de mundo a partir das grandes navegações colonialistas (HARNEY e MOTEN, 2023, p.49). Enquanto dimensão política temporal organizou-se com o aprimoramento de tecnologias objetivas e subjetivas de domínio e controle. Uma das principais tecnologias da modernidade foi a utilização e implementação da raça como uma categoria jurídico-econômica e não social, como desenvolve Denise Ferreira da Silva. Para a autora, raça é a categoria fundante da modernidade. A violência racial é uma força ética que dá condições estruturantes para o capitalismo global. Do mesmo modo, matéria e energia são fenômenos que duram no tempo. A força ética é uma energia pois age num nível quântico que é mobilizado pelos seres que atuam na materialidade social. Assim, o social apenas reproduz as energias que a força ética ativa (FERREIRA DA SILVA, 2016, p.408).

Com relação à temporalidade, no imaginário do ocidente prevaleceu a mecânica da sucessividade. Ideias artísticas de vanguarda são valorizadas pois se comprometem em superar as contribuições que as precederam em uma missão heroica muito semelhante com a do Iluminismo, do colonialismo e de seus ecos na modernidade. Dentro da temporalidade cada forma sucessiva é contingente as novas condições sociais, no entanto a racialidade escapa a essa regra, pois sua condição não se atualiza com as novas configurações humanas, e a condição da pessoa racializada segue cristalizada como um fóssil inserido verticalmente na linha horizontal da evolução dos parâmetros sociais. A racialidade configura então um fator que opera fora da temporalidade cronológica, pois seus fenômenos de violência extrema manifestam-se com a mesma estrutura lógica material em diferentes momentos históricos do presente, do passado e do futuro. Ao levarmos em consideração os aspectos materiais dos eventos como estrutura de poder, viabilidade econômica, valores moralizantes e contornos éticos, encontraremos o fator racial determinando a atuação

opressiva do poder ultrapassando os limites de tratamento humano que pessoas não racializadas desfrutam.

A epistemologia ocidental serviu-se da racialidade para o domínio de corpos e territórios não brancos. Essa mesma Temporalidade articulada como lente crítica é capaz de desestabilizar a arquitetura moral da modernidade, pois deixa de fora da projeção de sua própria lógica discursiva populações não-brancas, de modo que todo o discurso a respeito de valores humanos é colocado em xeque. É nítida a percepção de que nas tradições filosóficas hegemônicas a racialidade é entendida em oposição a ideia de desenvolvimento e a todos os pressupostos evolucionistas que operam na ideia de modernidade. A violência racial deve ser lida como uma força ética que dá condições estruturantes para o capitalismo global. Assim, todo trabalho de artistas negras e negros é mediado pela noção antropológica de diferença cultural.

As artes pretas na sua relação com a modernidade, buscam em parte um certo fundamentalismo moral que solicita o enlace com os legados africanos originais, atualizados nos discursos contemporâneos sobre ancestralidade. Esse tipo de recusa da ocidentalidade e filiação a anseios regressivos de uma africanidade original e idílica, procuram um desvio do abraço marginal e boêmio que sempre orbitaram nas condições de possibilidade das artes pretas, interditando seu campo de projeção simbólica nos contornos da alta cultura e sua associação a princípios morais mais elevados. É nesse entroncamento ético e estético, ou para utilizar um dos signos mais dinâmicos das epistemologias da negridade, é nessa encruzilhada poética e política que a negridade vai articular, material e metafisicamente, trânsitos entre a economia libidinal e a economia política que organizam a modernidade.

Economia política é a ciência que se dedica ao estudo do processo econômico em sua relação com a dinâmica da sociedade, enquanto a economia libidinal investiga os modos como populações e indivíduos investem a libido culturalmente na configuração e manutenção de seus vínculos sociais em relação com instituições como Estado, Igreja e Indústria Cultural, criando e administrando códigos simbólicos que incorporam expectativas simbólicas de satisfação e desejo. Historicamente, a economia política da música se cruza com a economia libidinal da máquina social que, como afirma o pensamento negro radical, tem na pessoa negra o pivô do funcionamento da modernidade.

...as pessoas negras existem na agonia daquilo que o historiador David Eltis chama de “violência sem limites”, o que significa: a) na economia libidinal não há formas de violência excessiva que seriam consideradas cruéis demais para infligir aos negros; e b) na economia política não há explicações racionais para este teatro de crueldade sem limites, nem explicações para o que daria sentido político ou econômico à violência que posiciona e pune a negridade (WILDERSON III, 2021, p.246).

Se para pessoas não racializadas a violência manifesta-se sempre na contingência de uma exceção ativada por transgressões das normas, seja pela violência particular ou pela repressão do estado na regulação das ordens simbólicas, a relação de pessoas racializadas com a violência é, segundo Frank B. Wilderson, catalisada por relações pré-lógicas que independem de suas transgressões e respondem a modelos de julgamento que, por mais que se atualizem as leis, ainda correspondem às normas escravagistas como uma extensão dos poderes absolutos dos senhores de escravos sobre suas mercadorias subhumanas. A função social das pessoas pretas na imaginação de brancas e brancos, é fazer com que se sintam bem. Isso faz com que sejamos tão apreciados como cuidadoras(es), artistas entertainers, cozinheiras(os), serviçais, alguém que é quase que da "família", praticamente um ser de estimação. Por não sermos pessoas brancas podemos inclusive receber menos valores financeiros do que receberiam suas semelhantes brancas e brancos. Sentenças clássicas do racismo cordial como "É negra, mas tem bom caráter!" ou "muito talentoso, mas é tão pretinho!", são máximas que ilustram fenômenos como negrofilia (o apreço exagerado por pessoas negras) e negrofobia, (medo de pessoas negras), entre outros.

Toda fragilidade moral de privilégios, todo saque e violência física e simbólica que colonialidade e capitalismo infringiram em todos povos não brancos e seus territórios estão enfileirados nesse conjunto de experiências registradas nos corpos de mulheres negras e de seus descendentes, sendo que na visão tanto de Moten, como na da maioria de suas contemporâneas do pensamento negro radical, a figura da mulher negra é uma chave hermenêutica fundamental para o entendimento das expressões de vanguardas da negritude.

Corpo feminino materno ausente

Domado, apreendido como um significante da exterioridade dentro do pensamento moderno ocidental, o corpo foi repetidamente usado como referente de outros modos de existir como seres humanos, daquilo que excede e, portanto, ameaça as narrativas da lei e da moral autorizadas pela razão soberana. Aqui, eu estou atendendo ao convite de Moten de resgatar [to retrieve] o corpo da espacialidade- exterioridade, o momento de significação no qual a filosofia moderna o aprisionou; mas, o faço atendendo à figura da mulher (nativa/ escrava) colonizada, através da qual ele situa a emergência do sujeito/ objeto negro em resistência [resisting black su(o)bject]. Um referente da Coisa, sem/fora do valor (de conhecimento, de moralidade ou de troca), ela resiste/existe como/em excesso (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 75).

Vibra no imaginário da negritude uma fratura emocional na relação com o corpo feminino materno. Há uma ausência que funciona como um vácuo simbólico de ausência de valor capaz de gerar aquilo de mais precioso e valioso. Na condição negra feminina durante os

quatrocentos anos de escravização, a relação entre maternidade e materialidade foi um dos entroncamentos mais violentos da economia libidinal, uma vez que a geração de filhos equivalia à geração de mão de obra escravizada onde o direito à patrilinearidade e à estrutura familiar eram totalmente obstruídos para esse conjunto de não-pessoas, o que equivalia em termos subjetivos a uma relação bestial, a um tratamento animal onde as sensações, emoções e sentimentos desses seres era totalmente atravessados pela ordem escravocrata. Essa propriedade fêmea que se reproduzia dotava a relação da maternidade negra com a de geração de mercadorias numa vinculação nuclear entre produção e reprodução, ou nas palavras de Fred Moten “o não-valor produz valor que o valor anima em não-valor (MOTEN, 2020, p.20).

O parentesco ferido é um dos vetores de uma masculinidade negra cindida pois interrompida no conjunto de valores que estrutura a própria ideia do universal masculino, com todas as problemáticas que isso carrega e que perfazem o corpo do patriarcado e do machismo. Para Moten, essa ferida existencial na relação com a mãe, feminiliza o ente masculino negro, uma vez que seu próprio corpo não escapou historicamente das violações de toda ordem, inclusive sexuais, sofridas normativamente pelas mulheres, como um aparato da dominação masculina branca sobre todos os outros corpos submetidos à sua ordem no mundo. Desse modo, na filosofia poética de Moten o homem negro manifesta a procura da herança materna como uma estratégia criativa de recuperar sua própria personalidade, dizendo sim à sua própria masculinidade castrada e à sua feminilidade simbólica, seja cantando em falsete ou manipulando os agudos de forma visceral em instrumentos de sopro, ou seja dançando em completo frenesi, é sobre uma diversidade de formas simbólicas que excedem a masculinidade universalizada que o homem negro afirma sua presença exorcizando sua carência na reificação dessa ausência. Para Moten, a predominância histórica do grito nas radicalidades sonoras negras em gêneros como a Soul Music, e o Free Jazz do final dos anos 1960 e na década seguinte, se relaciona com o grito desviante que rasga todos os sentidos ontológicos ecoando os espasmos de dor e insurgência das mulheres violentadas pela ordem vigente da escravização. No grito uma ambiguidade interpretativa de instaura e no mesmo fenômeno podemos ouvir um complexo vibratório e energético plurisignico, em uma concomitância de prazer e dor, alívio e desespero, angústia e felicidade. No grito, que não pode ser simulado, habita uma verdade e um mistério da expressão, e os gritos da negritude especificamente são expressões que rompem com um silêncio secular e surgem carregados de histórias.

Quando John Lennon e Yoko Ono cantam que a mulher é o negro do mundo³, o que está em evidência é essa relação de desposseção e vulnerabilidade que as forças hegemônicas

³ <https://www.youtube.com/watch?v=j5RuCEhHcG4>

depositam sobre esses seres, na maioria das vezes reduzidas a corpos. A carne da mulher manifesta o grau zero da relação ética entre os seres. Denise Ferreira da Silva ecoando Hortense Spillers (SPILLERS, 2021, p.36) sinaliza como a mulher negra e sua vulnerabilidade auxiliam a descrever e denunciar a violência que a norma do mundo endossa. Para o gênero masculino o corpo feminino traça o limite entre o humano e o bestial, conforme afirma Georges Bataille (FERREIRA DA SILVA, 2016, p.72). A relação com as mulheres é determinante pois traça o limite que humaniza ou bestializa o masculino. O corpo negro feminino é então esse vetor estigmatizado capaz de ser reduzido a uma linguagem de apelo sexual carregando o histórico da mais vulnerável das condições simbolicamente implicadas na hipervisibilidade da própria pele em uma soma de fragilidades.

A condição de possibilidade do amor é seu esgotamento e o amor negro é a expressão historicamente mais interdita nesse conjunto afetivo que constitui o repertório herdado por afro-descendentes. A condição de possibilidade do amor depende da tensão erótica cravada entre uma violência (in)contida e a impossibilidade de performar a justa medida dos afetos, o equilíbrio de expectativas presentes em cada trama de vida, em cada fluxo singular que ecoa nas marcas sensíveis de cada ser. Enquanto a condição masculina negra tem sido a de se conectar com essa feminilidade ameaçadora de sua própria condição masculina, a condição feminina negra no mundo tem sido a de dar a si mesma em sacrifício talvez com o desejo de que, ao ser salva da violência extrema, possa assim redimir todo esse mundo de condenados, cujo mito de origem se encontra submerso no porão do navio negreiro.

Fantasia no porão do navio negreiro

Partindo da materialidade das manifestações negras Moten, funda um novo território crítico da filosofia da diferença na qual o ser em questão não é mais aquele da transparência desracializada que funda a modernidade na ruína de outros raciais e da exploração predatória de recursos naturais, e sim o ser da fuga, da recusa, o ser da negatividade, da despossessão. O ponto de vista ou o ethos sensível parte do zero absoluto, do status de desumanidade, à partir do qual a invenção radical em regime de alteridade é a medida generativa da existência na negritude.

Conforme descreve Denise Ferreira da Silva, a propriedade é uma figura jurídica-econômica que tem precedência em relação a qualquer descrição alternativa da existência (HARNEY e MOTEN, 2023, p.26). A pessoa escravizada ao ser reduzida na condição de propriedade privada, foi duplamente preenchida pelas localizações ontológicas ocidentais de espaço e tempo. O espaço é delimitado através da posse material desse corpo que possui então um proprietário com o domínio jurídico, cultural e político que se distingue epidermicamente,

fenotipicamente e moralmente, e o tempo é inaugurado através do marco temporal que fixa e documenta no calendário a realidade dessa possessão. A interioridade, princípio essencial do ser auto-determinado, emerge desse enredamento entre espaço e tempo como estrutura ontológica da civilização. A posse então, segundo John Locke citado por Denise Ferreira da Silva, ativa um circuito de retro-alimentação onde, quanto mais você possui, mais você está em posse de si e de sua essência humana (HARNEY e MOTEN, 2023, p38).

Na fantasia, somos o que perdemos (NOGUEIRA, 2021, p.87). Na fantasia o sujeito é o objeto, de modo que, ao encarnarmos hoje fora das correntes, os sonhos de nossos antepassados escravizados, no excesso do encontro objetificado com sua própria objetificação, tornamos sujeitos e afirmamos uma subjetividade radical. Partindo de um desprivilégio comum, o desejo negro se radica paradoxalmente não em uma falta, e sim por aquilo que mais possuímos que é o nada absoluto e a condição que surge daí como possibilidade é a da invenção a partir de um nada geral e gerativo. Essa é a configuração de uma subjetividade negra continuamente desmontada e que através da improvisação se gera e se regenera. A subjetividade negra é um prisma, um fractal mutável, uma sombra sobre a qual são projetadas um conjunto de estigmas. Ela é, conforme aponta Paul Gilroy, vivida como um sentido experiencial coerente, embora quase nunca estável, do self pessoal que é banhado por tecnologias de poder material e simbólico que implicam em realidades produzidas de forma multidimensional, em torno, sobre e dentro em um embate contínuo na cristalização dessas subjetividades (GILROY, 2001, p. 209). A raça como delimitadora moral anula outros marcadores sociais como classe, geração, escolaridade, idade, profissão, etc. Anula a subjetividade negra, posta sempre em uma condição de afirmação e de vulnerabilidade, simultaneamente.

A terrível dádiva do porão do navio negro foi reunir em comum as sensações despossuídas, criar um novo sentimento nos subcomuns. Anteriormente esse tipo de sentimento era apenas uma exceção, uma aberração, um xamã, uma bruxa, um vidente, um poeta entre outros, que sentia através dos outros, através de outras coisas (HARNEY e MOTEN, 2003, p146)⁴.

Embora forçades a nos tocar (como gritos originais daquilo que ouvimos e vemos ecoar nos transportes superlotados que atendem os descendentes de escravizados nas periferias das grandes metrópoles) tivemos que calar aquilo que sentíamos uns pelos outros, umas pelas outras, como uma condição da repressão essencial de nossos corpos domésticos bestializados. Nação, família, afetos e lar são configurações que ainda estamos a rascunhar com imaginações insurgentes que ainda sofrem a pressão dos universais brancos que

⁴ Tradução do autor.

interditam imaterial e fisicamente as subjetividades negras. No submundo da modernidade que é o porão do navio negreiro uma forma intolerável de empatia foi fermentada em poças de fluidos humanos, no conjunto entre corpos vivos e cadáveres em decomposição, em um espaço flutuante de ar viciado e saturado. Esse toque subcomum onde é possível sentir os outros sentindo através de você é o que Moten e Harney desenvolvem como Hapticalidade. Uma condição sensível na qual sua alma habita sua própria pele.

Hapticabilidade, a capacidade de sentir através dos outros, para que os outros sintam através de você, para que você sinta que eles e elas sentem você... Sentir os outros é desmedido, imediatamente social... deitados juntos e deitadas juntas no navio negreiro, no vagão, na prisão, no albergue. Pele, contra a epidermalização, sentidos tocantes. Juntos e juntas, tocados uns aos outros e tocadas umas às outras foi-nos negado todo sentimento, negado tudo o que era suposto produzir sentimento, família, nação, língua, religião, lugar, lar. Embora forçados e forçadas a tocar e a ser tocados e tocadas, a sentir e a ser sentidos e sentidas nesse espaço de nenhum espaço, embora nos foi negado o sentimento, a história e o lar, sentimos uns nos outros e uns pelos outros, umas nas outras e umas pelas outras (GADELHA, 2020, p. 11).

Para Moten, nós pessoas negras ainda estamos psiquicamente no porão do navio negreiro, de onde desenvolvemos esse contato subcomum na constituição da nossa subjetividade. Essa qualidade de contato ele identifica sob o conceito de Hapticalidade, nascida dessa porosidade extrema, de uma carnalidade ingovernável moldada na servidão involuntária. O sentido de intimidade se confunde com o de socialidade, e de modo ritual perfaz a natureza das experiências racializadas negras criando um elo invisível de reconhecimento entre pessoas desconhecidas que se reconhecem como um agrupamento irracionalmente racionalizado através de suas características físicas, epidérmicas, geográficas e históricas. O mito de origem da diáspora africana para Moten é o porão do navio negreiro e toda a exaustividade da passagem transatlântica serviram de compostagem para processos de tradução, de adaptação, de improvisação e de invenção de modos de existir jamais imaginados. A alma fixada na pele através da negrura faz da interioridade uma exterioridade justaposta. Não há fronteira entre o dentro e o fora e o corpo é pura carne. As musicalidades negras vetorizam esses processos intersubjetivos nas suas modulações simbólicas do lamento, da revolta e do gozo. Essas musicalidades e sonoridades que nos tocam, vibram a sensação háptica que nos faz sentir e querer ser parte de uma experiência de imersão, que as memórias sonoras negras ofertam em todo o seu legado de sedução e resistência. Esse movimento é uma herança de desapego e de incompreensão. Se funda na crença intuitiva de que através do corpo novos sentidos são possíveis de serem criados, o que fez com que nas experiências afro-diaspóricas a performance tenha sido a forma privilegiada de experiência discursiva. Opondo-se generativamente às formas canônicas de expressão da branquitude

como a alfabetização e todo o conjunto de privilégios de circulação e acessos juridicamente reservados às pessoas brancas, as pessoas negras tiveram que investir profundamente na agência da presença para fazer valer suas existências. Popularmente falando, foi preciso *meter o louco* para ser levado em conta como ser sensível, criativo e potente, para ser considerada ao menos minimamente como criatura humana. Talvez tenha sido aí que esse processo háptico de identificação da cultura negra tenha se cristalizado, nessa encruzilhada entre individuação e singularidade interditas no (des)encontro com a alteridade absoluta, uma intimidade promíscua fervida no chorume dos porões dos navios negreiros.

Subterrâneo da ontologia

Para Moten, a tradição estética radical preta transmite sua auralidade não apenas como uma recitação de terror e violação, mas também através de todo um frenesi de prazer erótico que buscam a libertação visceral desse terror original. Por toda sua atmosfera e manifestações audíveis se veiculam transferências de materiais fônicos e sônicos que ecoam os prantos de uma criada escravizada, e que carregando exorcismos, celebram e buscam restaurar a plenitude erótica interdita, criando um elo magnético entre a condição inicial de violência total com a condição terminal e imediata da performatividade radical do grito exorcizado, agora libertado, magnetizando a experiência restituidora de uma sensação conhecida, mas perdida e no entanto mesmo imemorial, é mobilizadora de uma energia capaz de evidenciar e explicitar o inaudito da violência total. Como Moten sinaliza, a performance preta é feita através do espírito, da respiração e do ritmo e investiga na sua evidência uma erótica política em síncopes interruptivas, intensas e disruptivas (MOTEN, 2021, p.133). As imagens que Moten mobiliza para descrever a condição das subjetividades negras mergulham na relação de morte em vida, na qual a pretitude⁵ é significada como o subterrâneo da ontologia. A oclusão da subjetividade negra é a operador que coloca as vidas de afro-descendentes fora do esquadro da humanidade universalizada, solicitando elaborações contextuais a cada situação e em cada território. É o que Moten sinaliza como uma vala comum onde dessubjetivados somos homogeneizados como um estigma vivo presos à morte, ou seja, mais próximos da morte do que de uma viabilidade vital garantida pelos direitos humanos adquiridos historicamente pelo gênero universal da brancura.

A negritude é o lugar onde convergem o nada absoluto e o mundo das coisas. A negritude é a fantasia do porão e Wilderson tem acesso a ela porque é aquele que não

⁵ Os termos negritude e pretitude aparecem como sinônimos para blackness nas traduções das obras tanto de Moten quanto de Denise Ferreira da Silva, se referindo àquilo que no Brasil estamos acostumadas a tratar como Negritude, que historicamente é o nome do movimento estético e político da diáspora francófona dos anos 1940 do Séc XX, que no Brasil se cristalizou como designação para as organizações negras.

tem nada e é, enfim, mais que um, mas também menos que um. Ele é o embarcado. Somos nós que estamos a bordo, se quisermos, se decidirmos pagar o custo insuportável que é inseparável de um benefício incalculável (HARNEY e MOTEN, 2003, p143)⁶.

É nesse contexto que a performatividade negra cria valor existencial de seu desvalor. A sua vazão brota de um excesso de vazio material em relação a sua carne e epistêmico em relação a sua subjetividade. É partindo desse (des)território que a performatividade negra é capaz de gerar seus materiais em um conjunto de variações sem precedentes, uma vez que não estão cristalizados nem estandarizados como universais, uma vez que nem humanos são. Mesmo que se alimentem de um campo de convergências históricas atribuídas às tradições racializadas, a sua efusão é mobilizada como um processo generativo que ressoa reinaugurando os sentidos de pertencimento em modulações propositivas. As tradições se traduzem em movimentos que se nutrem do contemporâneo. As tradições negras radicais escapam de suas próprias configurações pois não solicitam em suas práticas nem uma essência nem uma identidade singular, e sim um movimento de invenção e fluxo com as energias do presente que se ancoram nesse movimento onde as relações futuras tem relação com as já concluídas.

Paraontologia da desordem

O estatuto ontológico fixado em sua homogeneidade, linearidade e binarismo efetua-se junto com os processos históricos e consolidações metafísicas como tijolos na estrutura da ordem social. Isso corresponde dizer que todos os critérios daquilo que se entende como pensamento funcional racional estão estruturalmente conectados aos modelos teleológicos e esses mesmos modelos ignoram todas as narrativas sobre a humanidade quando o componente racial é implicado criticamente. O filósofo estadunidense Nahum Chandler teoriza a figura da pessoa negra tanto como uma figura “histórica” quanto como uma não figura, uma negatividade estrutural na relação com os atributos da humanidade. A figura da pessoa negra desconfigura a harmonia da racionalidade pois sua diferenciação não encontra pressupostos racionais biológicos para sua efetivação. Para aprofundar sua devastação estrutural Chandler desenvolve o não-conceito de Paraontologia para ilustrar a dimensão paralela na qual a experiência negra e a relação das pessoas negras com a realidade se desenvolve. Segundo Marquis Bey a respeito de Chandler, sua paraontologia refere-se ao afrouxamento dos conceitos, a um adiamento dos significados, uma indefinição que solicita uma elaboração perene, uma reconfiguração generativa que é solicitada a cada esquina, em cada ambiente, a todo momento, como uma coreografia improvisada que está sempre quase a se compor e

⁶ Tradução do autor.

que se decompõe a cada estruturação. Há uma impossibilidade de uma regulação absoluta dos efeitos e dos resultados dessas relações pois a imagem que se projeta é escura demais, por mais clareza que se solicite.

...é transmitida em Chandler uma noção de uma paraontologia que funciona como um conceito crítico que se fragmenta e se desfaz. Com isso, permite a reescrita das narrativas e das próprias condições de compreensão do presente como tal. É importante ressaltar que o objetivo não é criar uma ontologia diferente e alternativa. A paraontologia não é uma busca por novas categorias, como se a categorização fosse um processo neutro. Não é; a categorização é um mecanismo de ontologia, um aparato de circunscrição. O que o paraontológico sugere é uma dissolução. (...) e deseja “fazer tremer” qualquer tipo de “compromissos sedimentados” que mantenham em lugar (BEY, 2020, p.13)⁷

A paraontologia ativa uma mutabilidade ininterrupta que é parte das estratégias éticas e estéticas negras. Uma dessencialização que se dá na condição de inventar a própria realidade com aquilo que a realidade lhe nega, inclusive a nível subjetivo. Como aponta Bey, o prefixo para- possui uma ambiguidade essencial em seus significados. Ao mesmo tempo em sinaliza algo que está ao lado, transiente, próximo ou justaposto (paralelo, paradoxo, paratexto, parataxe, etc) também carrega um sentido de interrupção, de interdição, (paralisia, para-choque, paramento, paraplegia, etc). Ela se manifesta então para suprir o regime de alteridade que inexistente nas relações raciais. Para Chandler a paraontologia é ante-categórica e corresponde a um projeto que visa dessedimentar a estrutura ontológica e suas ficções de sentido. Todas as compreensões sobre o real são imparciais, ou nas palavras de Moten e Harney, tudo está incompleto, por mais que o racionalismo cartesiano sonhe os essenciais da consciência universal. Nas palavras de Bey, a intelectualidade negra diaspórica desestabilizou as categorizações raciais ao promover a

destruição da base da pureza racial em todas as suas formas, ao serviço da afirmação de improvisações deiscientes e não excludentes do ser coletivo. A “paraontologia” da negritude é a constante fuga da negritude da fixidez da ontologia racial que estrutura a supremacia branca (BEY, 2020, p.19)⁸.

A ruptura generativa é então outra das estratégias fundantes dessa paraontologia da desordem. É como os Afropessimistas costumam elaborar a condição subhumana dos herdeiros dos escravizados na diáspora, a condição de se permitir ser abraçado e elaborado pela desordem, por uma total incoerência existencial e habitar o vácuo da relacionalidade, o que dota as pessoas escravizadas na racialidade em alguns momentos de uma invisibilidade total, como o personagem de Ralph Ellison em o Homem Invisível, e em outras de uma

⁷ Tradução do autor.

⁸ Tradução do autor.

hipervisibilidade, principalmente nas condições em que a condição negra se torna uma commodity para a assunção de discursos de uma branquitude progressista. Para Frank B. Wilderson a negridade opera no nexo entre o social e o ontológico, entre o histórico e o essencial, é precisamente um entroncamento conceitual sem nenhuma estabilidade ontológica, um processo de elaboração perene. Ela sobra, ela escapa de todas atribuições, transborda e escorre como uma ferida aberta pelas bordas do sentido, em violações e violências gratuitas que são as escadas sobre as quais a modernidade se ergueu, sobre as quais a logística se elaborou através e à partir das organizações escravagistas.

O percurso transatlântico de fibras óticas utiliza-se do mesmo mapa desenhado pelos navios negreiros (GOMES JESUS NETO, 2018, p. 477).

Desta perspectiva paraontológica o indicativo de negridade situa os seres sob seu signo na periferia daquilo que é concebido como ser humano, jurídica, política e economicamente. Paradoxalmente este não lugar, este limite externo, este out, se relaciona com uma dimensão real de entendimento e de pertença no interior das práticas negras radicais como as do grupo Estadunidense The Art Ensemble of Chicago, mas também em fenômenos que de tão tradicionais podemos chamar de clássicos, como as performatividades rituais das culturas Yoruba no Candomblé e nos reizados e congadas das culturas Bantu no Brasil.

O que significa dizer que a pretitude ou a negridade são paraontológicas? Imaginemos uma rua. A rua onde você mora. Muito provavelmente há uma rua paralela à sua. Ambas as ruas fazem parte da mesma geografia, da mesma topologia, sofrem os mesmos fenômenos climáticos, mas não se cruzam em suas paralelas. Não se conectam, justamente por conta dessa topologia, onde há construções cristalizadas que as separam. Paraontologicamente existimos, nós negras e negros, em uma outra dimensão de entendimento que assiste as evoluções da humanidade ontologicamente desassistidos pela estrutura que estabiliza essa experiência como um progresso humano.

A violência enfrentada pelas pessoas negras é uma violência de um universo paralelo. Em resumo, as pessoas negras e as pessoas não negras não existem no mesmo universo ou no mesmo paradigma da violência, não mais que peixes e pássaros que habitam a mesma região no mundo (WILDERSON III, 2021, p.272).

A favela é paraontológica aos bairros burgueses. A senzala é paraontológica à casa grande. Esse deslocamento espaço temporal, essa condição perene de “pé na cozinha”, essa habitação nas Zonas de não Ser, essa expulsão impulsiona a pessoa racializada na busca de seu lugar, na procura de uma identidade comunal e de uma comunidade de ressonância, feita de um habitar de mundos muitas vezes fragmentados e dissonantes entre si.

Vanguarda Sentimental

A vanguarda é da ordem do dispêndio. Sua condição de existência é ser dispensável. Está submetida a um tipo de experimentalismo sacrificial, principalmente se levarmos em consideração a sua terminologia militar original. Como bois de piranha, os movimentos de vanguarda são aríetes abrindo caminhos na relação com os essencialismos e com as tradições (MOTEN, 2023, p. 69). Está implicada com a sua inutilidade ritual, o que dota essa articulação de uma exuberância simbólica. Carregando consigo um ethos de sacrifício ritual enquanto empreitada, a garantia de êxito não está dada aprioristicamente. A vanguarda enquanto conceito não pode ser conservadora uma vez que ela é a lâmina de um bisturi que fura a pele da linguagem fazendo transbordar significados até então não previstos ou imaginados.

A estratégia de exclusão máxima operada pelo ocidente aos povos racializados fez com que cada desaparecimento se configurasse um registro. Uma ressurreição, uma insurreição de magia preta (MOTEN, 2023, p. 69), nas palavras de Moten, para o qual a vanguarda negra não emana apenas um conceito histórico-temporal, mas também um conceito espacial-geográfico ligada ao processo diaspórico disparado pela colonialidade. Um topos geográfico-racial marca as condições de emergência do ideário vanguardista ocidental. Em suas organizações discursivas podemos identificar a reprodução da racialidade como um excedente social, político-econômico, estético e teórico. Cumulativamente, o que fica de fora dessas dimensões especulativas é a diferenciação que o racial imprime através de uma escala de valor epidérmico, ignorando as próprias condições de possibilidade da modernidade, dadas pela violência colonial e regida pelas hegemonias do Norte global. Colonizar é em si uma atividade de vanguarda.

Originalmente a vanguarda euro-americana branca corresponde à materialidade do espaço-tempo da burguesia e sua fruição e imposições estéticas (BURGUER, 2012, p.97). Fazem parte de sofisticados mecanismos simbólicos de diferenciação nos quais operam distinções sociais entre manifestações culturais em um constante debate crítico com as tradições. A vanguarda denuncia um vetor ideológico em seus discursos e se engaja internamente em um desejo progressista, evolucionista e conquistador de novos territórios ou materialidades sensíveis. Dos cerceamentos e interdições impostas pelo mundo colonial e pelo capitalismo contemporâneo às pessoas pretas brotam as condições de possibilidade dessa vanguarda sentimental.

A vanguarda negra é uma vanguarda sentimental pois sua matriz não é uma inteligência formalista ou uma abstração da mecânica criativa da cognição. Sua pulsão sem origem é a

articulação de um erotismo que se manifesta como força vital extrema frente à inevitabilidade da afirmação de si diante da morte social. Esse erotismo é a justa medida entre o violento e o amoroso, o equilíbrio instável que a tensão erótica modula entre amantes. Essa improvisação radical dos corpos num embate entre dança e luta, numa imersão demorada de agressividade e doçura. A vanguarda sentimental negra manifesta a resistência aos estupros, violações e assassinatos das pessoas pretas que são da ordem material da modernidade.

O sentimento que brota dessa vanguarda é atravessado por uma saturação libidinal, mas não só. Habita também nesse quociente sensível uma desordem afetivo-temporal na qual vibram também a desestrutura familiar fixada pela ausência materna. Essa ausência faz implodir a estrutura familiar que dá eixo à subjetividade negra e esse vácuo é preenchido através de uma série de articulações que emulam essas vozes femininas, sejam através de instrumentos ou através de outras vozes masculinas e femininas, vozes muitas vezes andróginas, sem gênero, além dos gêneros binários, vozes paraontológicas. Vozes de anjos e demônios que exorcizam através de gritos e gemidos a pulsão secular de existir sem servir e sem ser subjugada em função de seu fenótipo e/ou gênero. O sentimento que anima essa pulsão criativa é a recusa da formalização de seu excedente, algo que vibra na ordem dos espasmos, incontrolláveis e imprevisíveis. Há sempre algo que sobra fora da forma da formalização que, quer seja o mercado ou a acomodação cultural temporal, tendem a traçar os contornos que serão sempre tensionados e às vezes rompidos, nesse movimento sacrificial e erótico das vanguardas negras.

A manifestação plena dessa relação erótica desfuncional está ocluída e interdita pela ordem produtiva. Nas vanguardas negras, o erótico se deita com o ontológico excitando os sentidos com múltiplos significados, mas não se consuma em plenitude gozoza. O sentimento que anima a Vanguarda Sentimental negra funciona então como um corte sexual, uma preliminar que nunca se completa nem se deixa consumir e vivenciar sem a tensão de juízos exteriores (MOTEN, 2023, p. 62). Essa intimidade que é pública, por força de sua exposição acaba por exibir-se fetichizada muitas vezes em animalização e pornografia, uma vez que a dimensão sublime do erótico, idealizado como tal, pertence a uma dimensão do humano. O erotismo humaniza.

Tudo aquilo que de fato conhecemos está no campo da nossa experiência sensível. O sensível, o sentir, é a categoria analítica primordial. Primeiro sentimos, depois entendemos e pensamos (SODRÉ, 2006, p.199). O conhecimento sensível é mais profundo que as palavras e o conhecer é um sentir no corpo. Na academia, instituição que administra o conhecimento, o sensível sempre foi tradicionalmente descartado em prol de um distanciamento objetificador com a pesquisa. Mas, como sinaliza Muniz Sodré apoiando-se em uma farta tradição filosófica

não hegemônica, indiana, africana e afro-diaspórica, o racional se cristaliza depois do sensível. É por essa razão que a política institucional não é uma dimensão racional, e sim sensível. A crença é secundária em relação ao pensamento, e o pensamento é secundário em relação ao sentir. A verdade é sempre um processo de sedução da sensibilidade pois a satisfação e o entendimento se dão através de um engajamento erótico do corpo, que é o organismo que processa os entendimentos de acordo com aquilo que a sensibilidade traduz em sentido, sem mediação. O arranjo social dominado pelo racionalismo funcional cujo objetivo é nos fazer sentir sempre o mínimo possível para que sejamos produtivas e obedientes, faz também com que saibamos muito pouco sobre nossas reais capacidades e potencialidades sensíveis, algo que é profundamente explorado na dimensão ritual afro-diaspórica.

Na articulação da Vanguarda Sentimental a sensibilidade se comunica diretamente com a intuição como esferas (in)conscientes que funcionam num campo magnético muito próximo do espiritual. Uma dimensão estética, uma outra zona da experiência humana onde o sonho também transita tornando-se disponíveis para além das expectativas da racionalidade. Não é por outra razão que o corpo é o elemento mais temido, combatido e controlado das sociedades ocidentais. O corpo das mulheres em geral e o corpo de homens negros apavora genitalmente o pensamento branco racional pois, dentro desse imaginário, mulheres e negros estão mais distantes do ideal da razão e mais próximos de seus instintos. Daí que machismo e racismo operam como tecnologias fundamentais da organização social racional. Machismo e racismos são fenômenos estéticos e a ética escorre como suor através da estética. O que conhecemos como instituições são mecanismos de contenção e de captura da nossa energia, tempo, potência, organizados como reguladores da experiência social, impondo freios morais dos quais as pessoas na ordem da produtividade se orgulham de ostentar. Existe então um terror social com as dimensões sensíveis da experiência humana. É como se ao vivermos acorrentadas a limitações e pequenas dosagens de intensidades estivéssemos mais próximos da racionalidade, que é entendida como oposta à sensibilidade.

Sentimentos são aspectos que estão além do bem e do mal. Se associarmos os sentimentos com os venenos, a depender da dosagem podemos adoecer ou nos curar. Daí que é fundamental o papel da experimentação e da vivência na maturação de ideias e sensações, dimensões criativas potenciais da Vanguarda Sentimental negra. A relação de bem e mal, moralizada através do recurso da culpa, do erro e do castigo tão bem ensinados pelo projeto filosófico racional cristão, são os principais freios da experimentação. A dança e a mobilidade corporal servem então nas criatividades negras como tecnologias de acesso às nossas próprias energias vitais. O equilíbrio entre o sentir e o pensar é movediço. Cair, esbarrar,

trombar, derrubar, ser derrubada/o, escorregar, apoiar-se em alguém, todas essas instabilidades corporais fazem parte da experiência sensível das relações maturadas hapticamente nos porões dos navios negreiros. Tudo está incompleto e nada é fixo. Quanto mais fixas, ideias e sentimentos, menos estáveis serão os fluxos e as virtualidades, menor será a capacidade de modificar-se, movimentar energias e inventar mundos. Não há dialética no sentir. Não há síntese possível fora das aparências e das estruturas binárias de pensamento. A estabilidade no sentir é sempre aparente. O sensível entendido como modo de pensar exigirá sempre uma predisposição à instabilidade e a experimentação como recursos criativos. As tensões entre a personalidade e a subjetividade na total posse de si ocorrem tradicionalmente nas performances negras. A performance historicamente representa o momento atual de total autonomia de si e nesse processo vibra uma dinâmica humana na qual nem identidade nem essência reduzem a experiência do ser, e sim um fluxo de movimento entre essas duas polaridades.

(In)Conclusão

No Harlem Cultural Festival de 1969 registrado no documentário *The Summer of Soul* nos Estados Unidos, Nina Simone provocou a audiência recitando de forma visceral o poema “Are You Ready” de David Nelson, membro do seminal grupo estadunidense de spoken word *The Last Poets*. O poema entre outras solicitações pergunta:

Você está pronta/o para fazer o que for necessário?

Para matar se for necessário?

Sua mente e seu corpo estão prontos?

Você está pronta/o para criar sua própria realidade?

Para esmagar dores brancas?

Você está pronta/o para queimar edifícios?

Você está pronta/o para mergulhar e transformar a si mesma/o
em uma verdadeira pessoa negra?

As performances afro-diaspóricas operam uma transferência de uma exterioridade fraturada pelo trauma escravagista para matérias físicas, sônicas, verbais e sonoras em um movimento de invaginação espasmódica, fluxo quebrado e ampliado em expansão e simultaneamente interrompido num processo de conexões e frustrações que geram síncope e dinamizam a auralidade negra. Indicam a busca de conexão com uma origem materialmente indisponível e que à revelia disto, pode ser fabulada e imaginada na tentativa de restaurar um parentesco ferido, uma orfandade materna e afetividades interditas na condição de morte social do ser enquanto mercadoria. Nesta dimensão ritual, práticas de êxtase através de processos sonoros e musicais são contingentes máximos da estase temporal estruturada pelo fluxo livre

de energias dentro de um esquema mutável, engendrado no agora e por isso mesmo aberto ao acaso e à diferença no interior da repetição. Não há no interior da maioria destas práticas um desejo de cânone ou de imutabilidade das obras, o que afasta estas criações de toda e qualquer pulsão de se fixar na temporalidade de modo estanque. A sua fixação se dá através do movimento, da repetição cíclica que reinventa, reimagina, reincorpora e atualiza seus aspectos mutáveis no interior de uma estrutura viva.

As artes negras promovem sistemas semióticos integrados e integradores, onde qualquer captura ou registro que sejam feitos do fenômeno ficará aquém da experiência concreta da materialidade performática. Podemos comparar a gravação de uma escola de samba com a de uma orquestra sinfônica para exemplificar algumas dessas diferenças. Enquanto numa gravação de uma sinfônica você simula a condição de espectador sentado em um ponto fixo na sala de concerto que por si já isola os sons externos em sua ambiência, numa gravação de um desfile de escola de samba as condições não só de escuta, mas de presença são completamente outras. Mesmo assistindo um desfile desde as arquibancadas há uma polifonia que se faz presente na experiência. Presencialmente, o som da bateria por exemplo, vem num crescendo, num fade in espacial na medida em que a bateria da escola vai se aproximando do ponto da arquibancada onde você está. Há um multiverso visual e sinestésico sendo performado com estímulos para todos os sentidos. Do ponto de escuta, se na sala de concerto o envelope sonoro arquitetônico garante focos auditivos mais controlados na atenção da pessoa espectadora, na rua, no contexto de um desfile, a urbe, as construções do entorno, as massas humanas e a própria cidade tornam-se todas juntas uma grande caixa acústica mutável e pulsante, junto do fenômeno performático. A intersemiose faz das experiências estéticas negras um plano de total experimentação estética e imersão psicofísica, de modo que inclusive, nas artes clássicas negras e afro-diaspóricas não faz sentido separar as expressões performáticas em escolas individuais como canto, dança, poema e música, pois o seu todo constitui uma forma de práxis elementar epistêmica.

Operando muitas vezes através da rematerialização do valor subtraído pela violência racial, a performance sonora negra ativa processos de transubstanciação catártica de traumas, sofrimentos e dores, através de múltiplos processos poéticos nos quais letra, interpretação, timbre e abordagem dão sentido estético para a experiência racializada. Invaginação penetrada e penetrante que desliza ao mesmo tempo para dentro e para fora de si, em proto linguagens contaminantes e impuras. A vibração de um espectro saturado e multifônico, multi-crômico, politicamente erótico em rota de colisão com as grades formais que estruturam as epistemologias do ocidente. Por não poder ser contido o fenômeno é sublimado, encaixotado, reduzido, recondicionado pela indústria cultural branca que lucra fartamente com as

expressões negras e, no entanto, assim mesmo essas expressões e linguagens escapam e escorrem através de seus excessos, voltando-se invaginativamente para o útero perdido no porão do navio negreiro. Lócus de submersão abissal que Moten e Harney desenham quase como o mito de origem de uma conexão sensível que só pôde surgir do trauma da travessia nos tumbeiros, mas que de algum modo ecoam um repertório maravilhoso e inaudito, comunal e familiar, para o qual se orienta essa fenomenologia performática negra.

São esses os possíveis pilares de uma Vanguarda Sentimental Negra rascunhada poética e filosoficamente por Fred Moten em diálogo com seus contemporâneos e contemporâneas. Um conjunto de interdições que ao invés de se organizarem reativamente dentro de um regime dialético, se orientam propositivamente e generativamente respondendo a um desejo pulsional de invenção de si.

Referências

- BEY, Marquis. *The Problem of the Negro as a Problem for Gender University of Minnesota Press (Forerunners Series)*. Disponível em <https://transreads.org/wp-content/uploads/2021/07/2021-07-28_6101ef77b7112_Bey20-TheProblemoftheNegroasaProblem.pdf>. Acesso em 07 de abril de 2024.
- BURGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. 1. ed. São Paulo. Cosac Naify, 2012.
- BUTLER, Octavia. *Kindred - Laços de Sangue*. 1. ed. São Paulo. Ed Morro Branco, 2020.
- ELLISON, Ralph. *Homem Invisível*. 2.ed. São Paulo. Ed. José Olímpio, 2020.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Mascaras Brancas*. 1. ed. Editora Edufba. Salvador, 2008.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *O Evento Racial ou aquilo que acontece sem o tempo*. (2016). Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6841364/mod_resource/content/1/eventoracial.pdf>. Acesso em 02 fev. 2023.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. (2016). *À brasileira: racialidade e a escrita À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo de um desejo destrutivo*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14 (1): 61-83. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ref/a/Zndg38BfjjQ6PS9rp9LjYFH/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 11 de fev. de 2021.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *Luz Negra*. (2019). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-47X_7XJnOU>. Acesso em 25 fev. 2022.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *A Dívida Impagável*. Casa do Povo. São Paulo, 2019.
- GADELHA, J.J. (2020) *Habitar A Escuridão: Materialidades Negras, O Olho E A Quebra*. *Revista Concinnitas*, 21(39), 127-152. Disponível em <<https://doi.org/10.12957/concinnitas.2020.49593>>. Acesso em 12 dez. 2023.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro.- Modernidade e dupla consciência*1.ed. Editora 34, São Paulo/Rio de Janeiro, 2001.
- GOMES DE JESUS NETO, A. (2018) *Do tráfico de escravos à internet: rotas sul-atlânticas, integração territorial e a nascente geografia dos cabos submarinos*. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 38, n. 3, p. 473-490. DOI: 10.5216/bgg.v38i3.56347. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/56347>>. Acesso em 3 maio. 2024.

- HARNEY, Stephano; MOTEN, Fred. (2003) Los abajocomunes. Disponível em <https://transversal.at/media/AComunes_WEB_pags.pdf> Acesso em 23 de abril de 2022.
- HARNEY, Stephano; MOTEN, Fred. Tudo Incompleto. 1.ed. São Paulo. GLAC editora, 2023.
- HARTMAN, Saidiya. (2023) Scenes of Subjection: Terror, Slavery and Self-Making in Nineteen-Century America. <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4968076&forceview=1>>. Acesso em 05 maio. 2024.
- LENNON, John e ONO, Yoko - Woman is a nigger of the world Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=j5RuCEhHcG4>>. Acesso em 05 maio. 2024.
- MARTINS, Leda Maria. Afrografias da Memória. 2. ed. Perspectiva, São Paulo, 1995.
- MARTINS, Leda Maria. (2003). Performances da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>> Acesso em 12 de maio. 2024.
- MOTEN, Fred, Ser Prete ou Ser Nada in Pensamento Negro Radical. Antologia de Ensaios. 1.ed. São Paulo. Crocodilo Edições, N-1 Edições, 2021.
- MOTEN, Fred, (2020). A Resistência do Objeto: O Grito de Tia Hester. Revista Eco-Pós, 23(1), 14–43. <<https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i1.27542>>. Acesso em 28 maio. 2022
- MOTEN, Fred, Na Quebra. A Estética da Tradição Radical Preta. Crocodilo, N-1 Edições. São Paulo, 2023.
- NOGUEIRA, Isildinha Baptista. A Cor do Inconsciente - Significações do Corpo Negro. 1. ed. São Paulo. Perspectiva, 2021.
- QUESTLOVE THOMPSON, Ahmir. Summer of Soul (...Or, When the Revolution Could Not Be Televised). Documentário. 2021.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. (2012) Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulista. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5803024/mod_resource/content/1/schucman_corrigida.pdf>. Acesso em 18 de set. 2021.
- SODRE, Muniz. Pensar Nagô. 2. ed. Ed Vozes. Petrópolis, 2017.
- SODRE, Muniz. Estratégias Sensíveis. 1. ed. Ed Vozes. Petrópolis, 2006..
- SODRE, Muniz. A dança como Vetor da Alegria. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Vmr-VLhT5t4&t=10s>>. Acesso em 05 maio. 2024.
- SPELLERS, Hortense J. Bebê da Mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense. in Pensamento Negro Radical. Antologia de Ensaios. 1.ed. Crocodilo Edições, N-1 Edições, São Paulo, 2021.
- WILDERSON III, Frank B. Afropessimismo. 1. ed. Todavia. São Paulo, 2021.

